

vvogas@redgazeta.com.br Tel: 3321-8319

## PRAÇA OITO

Vitor Vogas



*No Espírito Santo, entre 2003 e 2012, a população pobre caiu de 29,4% para 6,7%. Já a miserável decresceu de 9,1% para 2,3%. Em 2015, 196.524 famílias capixabas recebem o Bolsa Família.*

## Bolsa de valor

Ao voltar para Vila Velha atravessando a Terceira Ponte, após o protesto contra Dilma no dia 16 de agosto na Praça do Papa, manifestantes que moram na cidade precisaram passar pela Praça do Pedágio. Ali, na varanda de um prédio de luxo com ampla vista para a praça, um grupo de meia dúzia de moradores realizava uma “contramanifestação” em um dos apartamentos, com vaias e gestos de “não curtimos” dirigidos aos antigovernistas. Diante dessa reação, alguns se exaltaram, a ponto de gritar “Saíam daí, Bolsa Família!”.

Desconte-se o calor do momento. Descontem-se as paixões políticas dos dois lados. A cena, presenciada pela coluna, reforça uma constatação: boa parte dos brasileiros da classe média para cima simplesmente não sabe o que realmente é, tampouco como funciona o programa de combate à pobreza e distribuição de renda do governo federal. Ora, nem mes-



mo se vivesse dez vidas uma família teria condições de morar num condomínio como aquele e galgar àquele “andar” da pirâmide social, na condição de beneficiária do Bolsa Família (doravante, BF).

O programa volta ao centro das atenções no momento em que o deputado Ricardo Barros (PP) ameaça cortar R\$ 10 bilhões da rubrica no Orçamento 2016, do qual é relator. No último domingo,

alertando para esse risco, a colunista Míriam Leitão fez uma lúcida defesa da preservação do que considera uma rede eficiente de proteção e inclusão social.

Ressalvadas as falhas e deficiências, os números, alheios às paixões, demonstram a eficácia do programa no cumprimento daquilo que se propõe: no Brasil, entre 2003 e 2012, o percentual de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza\* caiu

de 39,4% para 18%. Levando em conta só os brasileiros que vivem sob a linha de miséria (ou extrema pobreza)\*, o percentual despencou de 17,5% para 5,8%.

Atenção: os números não são do Ministério do Desenvolvimento Social, responsável pela execução do BF, e sim de uma fonte isenta: o Instituto Jones dos Santos Neves (órgão de pesquisas do governo estadual, hoje não alinhado politicamente com o governo Dilma).

Em que pesem eventuais distorções (pessoas que recebem o benefício sem o necessitar) e o uso eleitoral do programa evidenciado em 2014, seus resultados constituem uma conquista civilizatória não só para os beneficiários, mas para toda a nação como tal. Ainda assim, muitos brasileiros ainda o desconhecem e, mesmo sem conhecê-lo, o execram. Por isso, a coluna hoje traz uma entrevista com alguém que acompanhou de perto o processo de implantação do BF.

\* **Linha de pobreza: renda domiciliar per capita de até R\$ 197,84 na área urbana e de até R\$ 168,84 na área rural. Já a linha de miséria corresponde à metade da linha de pobreza (IPEA/CEPAL).**

## ENTREVISTA

**“O BOLSA FAMÍLIA FOI FUNDAMENTAL PARA REDUZIRMOS A POBREZA”**

**Andreza Rosalém**

Mestre em Economia pela Ufes



**E o que a sra. pode dizer sobre os resultados estatísticos referentes à erradicação da pobreza?**

Entre 2001 e 2011, conseguimos acelerar muito a queda da pobreza e da miséria, através da redução da desigualdade e do crescimento da renda per capita dessa população. Nesse período, o crescimento da renda dos mais pobres se deu num ritmo muito mais acelerado do que o da renda dos mais ricos. É como se os 10% mais pobres tivessem crescido como a China, enquanto os 10% mais ricos estivessem no ritmo de crescimento da Suécia (que não cresce). É como se vivêssemos em dois mundos. É por isso que às vezes há o grito dos ricos, reclamando que o país não cresce (e é verdade do ponto de vista deles, pois estão num país que cresce pouco). Por outro lado, temos aqueles que são mais pobres, que vivem num outro país, que cresce muito. Foi essa diferença que fez com que a desigualdade social diminuísse.

**Muitos, ao criticar o BF, alegam**

**que isso na verdade foi produto da estabilidade do Plano Real e do bom momento econômico da década passada, graças aos quais a vida dos brasileiros teria melhorado de qualquer forma...**

Melhora, mas nem tanto, pois normalmente a população beneficiada por programas sociais tem baixa escolaridade e ocupa postos de trabalho de baixa qualidade. Então, eles não se beneficiam tanto do bom momento econômico. Já em momentos de crise, essas pessoas que ocupam postos de trabalho piores são as mais vulneráveis, perdem o emprego e normalmente caem mais rapidamente.

**Então, a importância do programa social seria a de dar um primeiro impulso para que depois essas pessoas se conectem ao vagão do crescimento econômico?**

Exatamente. E é uma forma de garantir que elas tenham o mínimo de renda para suprir as suas necessidades básicas. Acho que o programa tem méritos porque faz isso justamente com uma população que necessita desse incentivo e desse apoio para conseguir sair dessa situação de pobreza e para que seus filhos possam estudar, de modo a quebrar o ciclo de vulnerabilidade dessa família. Tudo isso o BF garante.

**A assiduidade dos filhos na escola, inclusive, é uma das condições mais importantes para recebimento do benefício, correto?**

Sim. Não basta estar cadastrado e ir receber o complemento. A família precisa cumprir algumas condicionantes. A primeira é a frequência dos filhos na escola.

E, segundo estudos, é inegável que houve aumento da frequência escolar após a implantação do BF. Além disso, os filhos pequenos devem estar vacinados e a mãe, se for gestante, deve fazer acompanhamento pré-natal no Saúde da Família.

**Os chefes de família precisam estar inseridos em algum curso profissionalizante?**

Não. E esse é um problema...

**Entramos na questão das “portas de saída”. Que deficiências a sra. vê nesse sentido?**

Acho que o programa tem um lado muito importante, que é dar aos pais a condição de pôr os filhos na escola. Mas ele não tem um cuidado com a educação do próprio pai ou responsável por aquela família. Muitas vezes você tem um pai de 40 anos, com uma vida produtiva ainda muito longa. Mas não temos a preocupação de qualificá-lo para o trabalho...

**Isso pode acabar estimulando um certo comodismo?**

Um certo comodismo e um risco constante de dependência de programas sociais, o que não é bom, pois essa pessoa depois não consegue se tornar autônoma.

**Como resolver isso?**

Com investimento em educação de jovens e adultos e com foco muito mais profissionalizante. Essa poderia ser uma das condicionantes: garantir que esse pai esteja melhorando o grau de escolaridade. Outro ponto é criar mecanismos de inserção no mercado de trabalho. Com isso, você poderia criar uma janela: um prazo de dois anos para sair do BF.

▄ Mestre em Economia pela Ufes, Andreza Rosalém costuma se definir como uma “economista social”, com o olhar muito mais voltado para questões como educação, pobreza e desigualdade do que para ajustes fiscais e planilhas de juros. Atualmente à frente do Instituto Jones dos Santos Neves, a economista participou da implantação do Bolsa Família (BF) durante o governo Lula, como integrante da equipe coordenada pelo professor de Economia da UFF Ricardo Paes de Barros, pesquisador do Ipea e um dos idealizadores do programa. Durante seis anos, ajudou a mensurar e analisar os primeiros resultados estatísticos do BF, a partir dos indicadores de pobreza e desigualdade social. Nesta entrevista, ela fala à coluna sobre a importância, o impacto, os méritos e as deficiências do programa.

**Qual é a sua opinião geral sobre o BF e seus resultados?**

Para o Brasil, posso te dizer que o BF foi fundamental para reduzirmos a pobreza ao longo da última década. Sem o programa, dificilmente teríamos tido uma evolução do tamanho que tivemos no que se refere à redução da pobreza e da extrema pobreza.